

Sarney no trapézio: a glória ou as feras

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney ultrapassou o point of no return e talvez não chegue a lugar algum. Tenta, mas não sabe se conseguirá, construir nova base de apoio político-partidário, em função do rompimento unilateral da Aliança Democrática, pelo PFL, na semana passada. Acaba de preparar um documento onde avança propósitos e metas de governo, como a redução da dívida interna através da contenção dos gastos públicos, a manutenção de uma política firme no tratamento da dívida externa, a opção pelo social e a inflexibilidade na defesa do regime democrático. Buscará o engajamento da maioria das forças parlamentares nesse novo "compromisso com a Nação". Nele, não deverá explicitar temas como o presidencialismo ou o mandato de cinco anos, por julgar que eles estão implícitos. Quem assinar o papel estará, necessariamente, comprometido a votar contra o parlamentarismo e contra a redução de seu período de governo.

O problema é que para conquistar uma base de apoio real, capaz de evitar o parlamentarismo ou a redução de seu mandato — aquilo que realmente lhe interessa —, o chefe do governo necessitará de 280 deputados e senadores, em 559. E chegar a essa conta não é fácil.

Fala-se que ultrapassou o ponto do qual não há retorno porque, se não estimulou o rompimento, pelo menos não tentou salvar a Aliança Democrática. Aceitou como fato consumado a iniciativa dos liberais, levando muita gente a supor, até, que estivesse acertado com eles, na expectativa de rachar o PMDB e de obter do maior partido nacional uma definição. Os peemedebistas, para ele, não poderiam mais continuar participando do governo, como um todo, mas fazendo, em boa parte, oposição ao governo.

Está o presidente na posição do trapézista que largou a sua barra, lançando-se no ar, sem rede de sustentação, mas ainda espera a aproximação da outra barra. Deixando de alcançá-la, cairá. E, por cúmulo do azar, bem em cima do cercado onde estão as feras, mais raposas do que tigres, aliás.

Vale traduzir essas dúvidas em números: dos 118 deputados federais do PFL, Sarney contará com 80, não mais. Afinal, nem todos os liberais se disporão a aderir ao presidencialismo, tendo tomado antes agudas posições parlamentaristas, mesmo em troca de mais lugares no Ministério e no segundo escalão da administração federal. Dos 15 senadores, será apoiado por 10.

Partirá dessa base para tentar arregimentar pelo menos 100 dos 260 deputados federais do PMDB. E uns 30, dos 45 senadores. Resultado: 90 liberais e 130 peemedebistas, o que soma 220 constituintes. Faltam 60. Matematicamente é possível conse-

gui-los, pois o PDS tem 33 deputados e cinco senadores, e o PTB, 17 deputados e um senador. O PDC conta com cinco deputados e um senador, o PSC, um deputado, o PT, seis deputados e um senador. Não adianta calcular quantos parlamentares têm o PT, o PDT, o PSB, o POE e o PC do B, que jamais apoiarão o governo.

Fácil não é, vale repetir, obter o quórum suficiente para virar a maré na Assembléia Nacional Constituinte e fazer prevalecer o presidencialismo e os cinco anos. Pelas querelas e seqüelas verificadas até hoje, também parece muito difícil que as oposições a Sarney consigam os 280 votos, já que se apresentam divididas. O que um grupo de oposição deseja não é o que o outro quer, vindo daí a perigosa tese levantada de uma semana para cá, a respeito de o Palácio do Planalto, não restabelecendo o presidencialismo, poder ao menos evitar o parlamentarismo. Essa previsão parece loucura, mas é real. Coisa que se cristalizaria na rejeição em bloco do projeto Bernardo Cabral, quando chegar ao plenário. Estaria criado o impasse constituinte, devendo os trabalhos começar de novo, onze meses depois de iniciados...

De sexta-feira passada para cá o presidente faz e refaz seus cálculos, imaginando que se os assinaturas no novo "Compromisso com a Nação" forem abertas a ministros, governadores, deputados, estaduais, prefeitos e vereadores, haverá possibilidade de a massa não constituinte pressionar e levar alguns deputados federais e senadores a assinar também. Hipótese igualmente duvidosa, diga-se.

Então... Então, se tiver mesmo perdido o trapézio, não estará a Sarney sendo dirigido ao PMDB de Ulysses Guimarães e de Mário Covas, já lá em baixo, no cercado das feras, pedindo-lhes que também assinem o documento, objetivamente despojado de seu implícito conteúdo principal, a defesa do presidencialismo e dos cinco anos de mandato. Ficará tudo exatamente como está, à exceção de um detalhe: mais do que nunca, o presidente se terá tornado prisioneiro de Ulysses Guimarães e seu grupo. Nesse caso, é provável que a reforma do Ministério, prevista para dentro de uma semana ou mais, se limite a substituição de Jorge Konder Bornhausen, irrevogavelmente demissionário, e de um ou outro ministro peemedebista, só para salvar a face do PFL (bom-dia, dr. Raphael de Almeida Magalhães).

Em suma, um rolo dos diabos, feito por nada. Se quiserem, elaborado para demonstrar que chegaram tarde demais os esforços do presidente da República para libertar-se da tutela do PMDB. Sempre poderão acontecer imprevistos, isto é, se a bandeja de doces oferecida aos constituintes for farta e apetitosa demais, quem sabe 280 comensais não cheguem à mesa?